



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13619 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

“A GENTE (IM)PULSA A PERIFERIA!”: AÇÃO DE JOVENS PARTICIPANTES DE COLETIVOS NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO

Felipe Tarábola - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

Maria Carla Corrochano - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESP

“A GENTE (IM)PULSA A PERIFERIA!”: AÇÃO DE JOVENS PARTICIPANTES DE COLETIVOS NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO

Resumo

Apresenta-se reflexões sobre experiências de solidariedade e ações coletivas de jovens organizados em coletivos como forma de construção de alternativas de solidariedade e de geração de renda diante do processo de aprofundamento da crise econômica e precarização do trabalho em decorrência da pandemia de covid-19. A partir de resultados de pesquisa de campo realizada com apoio da FAPESP entre os anos de 2020 e 2022 junto a 208 jovens trabalhadores(as) das periferias de São Paulo por meio da aplicação de questionários e realização de entrevistas, nesta análise focada nas contribuições de 100 jovens participantes de coletivos estabelece-se diálogo entre os referenciais teóricos da sociologia, da juventude e da discussão contemporânea sobre ação coletiva. Apesar de estarem inseridos em variados níveis de formalização do trabalho e graus diversos de precarização, os jovens entrevistados participavam de coletivos ligados aos campos da cultura, alimentação e produção de vestuário e a partir deles buscavam gerar algum tipo de renda. Ainda que não estivessem engajados em formas tradicionais de participação, envidaram esforços para realização de ações conjuntas e solidárias, tanto na busca por melhores condições de trabalho, quanto para garantia da própria sobrevivência e de seus pares no contexto pandêmico.

Palavras-chave: Juventude; Periferia; Ação coletiva; Coletivos juvenis; Solidariedade

Como já discutido anteriormente, as concepções acerca da participação de jovens na esfera público-política passam por processos de transformações, em decorrência de mutações societárias em curso (Bringel, 2009; Ion, 2012; Pleyers e Karbach, 2014; Reguillo, 2017). Não apenas voltadas a enfrentamentos e conflitos sociais, mas caracterizadas por afirmações identitárias e culturais (Aguilera Ruiz, 2017), as ações juvenis demarcam a possibilidade de um “agir em conjunto diante de alguma atividade concreta”, além da possibilidade da manifestação das ideias e o desenvolvimento da capacidade de escuta entre os pares” (Sposito et al., 2021, p.10).

Considerando que os jovens de diferentes estratos sociais e distintos pertencimentos étnico-raciais e de gênero se deparam e enfrentam desafios distintos em relação à participação no espaço público-político, destaca-se o modo pelo qual jovens periféricos se organizam em torno de atividades culturais. Com isso, demarca-se a alteração de perspectiva sobre tais territórios aos quais anteriormente se atribuía marcas da carência, da falta, da violência e da marginalidade, para uma visão da riqueza cultural, da inventividade popular, de lutas e resistências (Sposito, 1993, Abramo, 1994, Tommasi, 2014, 2018).

A noção de periferia anteriormente carregada de estigma e preconceito, muito associada à violência e à pobreza, passou a ser apropriada e ressignificada pelas populações periféricas por meio das suas expressões culturais, relacionando-se a um sentido de pertencimento compartilhado, promovendo identificação entre as periferias e dando vazão a denúncias e demandas de transformação social (D’Andrea 2013, 2020). Tal processo de transformação teria se dado em um contexto de fragilização da classe trabalhadora como categoria de representação, propiciando ao termo “periferia” um uso como totalidade abarcadora por meio do compartilhamento de costumes, modos de vidas e situações sociais, dando relevo aos componentes racial e urbano da situação de classe e aos processos de segregação socioespacial (D’Andrea, 2020).

Estes sujeitos periféricos tendem a se organizar em torno de coletivos. Tais agrupamentos tendem a se organizar mais autonomamente em relação às entidades oficiais, de maneira mais democrática e horizontal, incorporando temas como raça, gênero, cultura e juventude, seja no movimento estudantil (Groppo, 2020). A compreensão sobre as continuidades, inovações, limites e potencialidades das formas de ação política de coletivos, suas relações com outras instituições e organizações e as estratégias de atuação estão ainda em fase de consolidação neste campo de pesquisas (Gohn et al., 2020).

Deste modo, a abordagem sobre periferias de São Paulo aqui realizada baseia-se em perspectivas que não consideram esses espaços de maneira homogênea, vistos apenas em termos de exclusão ou segregação. Trata-se de pensá-los como lugares da cidade que tiveram e ainda têm relevância para a luta por direitos de cidadania, considerando-os também como

lócus da produção cultural, da economia solidária, entre outras iniciativas. Se boa parte das análises recentes têm se concentrado nas ações e coletivos que se organizam em torno da dimensão cultural, esta investigação buscou interpelar ações e experiências juvenis em que o trabalho emergisse como dimensão relevante não apenas na chave do empreendedorismo individual - cada vez mais fomentado como alternativa de geração de trabalho e renda, especialmente quando direcionadas aos jovens –, mas também como iniciativas de caráter mais coletivo.

A aplicação dos questionários e entrevistas junto aos jovens realizou-se entre os meses de outubro de 2020 e março de 2021. Na primeira etapa da pesquisa o trabalho de campo realizou-se a partir de uma metodologia de mapeamento participativo, com foco nos atores, ações e relações solidárias nos territórios. Inicialmente, o diálogo, a circulação por diferentes organizações e coletivos e a participação em um conjunto amplo e diverso de atividades marcaram a obtenção de dados sobre as experiências e coletivos juvenis engajados em atividades de geração de trabalho. A seguir foi preciso elaborar um conjunto de estratégias para alcançar os interlocutores jovens e realizar a aplicação dos questionários e entrevistas de modo remoto, dado o necessário distanciamento social no contexto da pandemia. A metodologia de pesquisa entre pares, na qual jovens moradores das próprias localidades dos entrevistados e que passaram por experiências semelhantes participam da aplicação dos questionários e da realização de entrevistas foi fundamental (Philliber, 1999).

Considerando a dimensão territorial do município de São Paulo e os limites da pesquisa, foram focalizados distritos do extremo leste e do extremo sul. A escolha esteve pautada pela presença de um conjunto de indicadores de vulnerabilidades, mas também pelas potencialidades, como a maior presença de coletivos neste espaço. Ali, constatou-se a tendência demonstrada pela pesquisa educacional de ampliação da escolarização dos jovens em relação à geração de seus pais. Também se observou a ampliação da circulação pelos espaços da cidade e de constituição de coletivos que contribuem para ampliação de redes e o desenvolvimento de novas habilidades. Esses coletivos, compreendidos como grupos de jovens que se reúnem em torno de um projeto ou atividade compartilhada, por vezes se organizam em torno de ações geradoras de trabalho e renda. Outros organizam-se em movimentos, com a definição de um eixo conflitivo claro e forte presença no espaço público.

Dos 208 jovens participantes da pesquisa, 105 declararam estar envolvidos em coletivos que participam de editais ou geram trabalho e renda. Com maior incidência de pessoas autodeclaradas mulheres cis negras (34,3%) e homens cis negros (30,5%). Deste grupo de 105 jovens, a pesquisa abarcou 37 moradores atuantes na Zona Leste e 66 da Zona Sul (dois não declararam a localidade). Entre eles, 28,6% dos participantes se encontravam na faixa entre 18-24 anos no momento de aplicação dos questionários, enquanto 41,9% estava em torno dos 25 aos 29 anos, fechando o universo com 27,6% com 30 anos ou pouco mais. Em termos de escolaridade, apenas 7,3% declararam não ter concluído o Ensino Médio, sendo que 14,7% declararam o Ensino Superior Incompleto, mas 27,9% já tinham completado o Ensino Superior enquanto 2,9% já tinham completado uma Pós-Graduação.

Dentro do universo de jovens participantes da pesquisa, 45,7% declararam participar de coletivos, embora a forma de organização também fosse designada como “grupo”, enquanto alguns encaram sua ação coletiva como constituindo um “movimento social”, “rede” e até mesmo como “cooperativa” (para 2% dos jovens entrevistados), o que demonstra uma queda significativa de elementos da chamada economia solidária entre estes jovens.

Os coletivos atuavam prioritariamente, 61,9%, na área de produção cultural (teatro, cinema, literatura, música, dança, artes visuais), como parte da bibliografia sobre organização de coletivos nas periferias já indicou anteriormente. Contudo, foi possível observar áreas emergentes de organização para geração de trabalho e renda, como atuação com comunicação/produção de mídia (rádio, tv, jornal, sites), além da área de tecnologia ou desenvolvimento de softwares, prestação de serviços estéticos e de beleza. Além disso, contamos também com a participação de alguns coletivos envolvidos na produção de alimentos ou refeições e ainda do setor de produção de moda (vestuário, acessórios).

A maioria dos coletivos com quem se dialogou na pesquisa não era formalizado e, em grande maioria, enfrentavam diversos problemas e desafios para manter sua atuação. Sem ser a única e exclusiva fonte de recurso e financiamentos, é grande o percentual (71,4%) de coletivos que declararam o acesso a editais públicos e editais privados. Outros vendiam serviços ou produtos, ou ainda contavam com apoios de ONGs e associações de moradores. A prática de doações e *crowdfunding*, recursos obtidos por bilheterias de espetáculos e apresentações também apareceram como fatores relevantes.

Vários coletivos surgiram a partir de formações em aparelhos culturais existentes nos próprios territórios, ou como desdobramentos de outros coletivos. Alguns advieram de eventos de incubação e competições, mas também a partir de pesquisas sobre a própria identidade, ancestralidade e cultura popular. Mas a demanda local atrelada a aspectos específicos dos territórios e de suas comunidades (como fatores culturais e ambientais, por exemplo) despontou como elemento relevante para a constituição e atuação dos coletivos.

Alguns coletivos agiam com intuito de levar a cultura periférica a outros públicos em espaços mais centrais (inclusive com alguns comercializando produtos e serviços via Internet), gerando disputa por legitimidade e reconhecimento, mas outros focavam em apresentações locais. A realização de eventos a constituição de espaços culturais, ou o atendimento diversos a crianças, alunos de escolas públicas da região são exemplos de formas de atuação desses grupos que ao mesmo tempo encontravam nelas fonte de renda para si, também fomentavam a geração de trabalho na comunidade local. Nas falas dos entrevistados transparece que a obtenção de renda em seus coletivos girava em torno não somente da própria subsistência, mas também para a manutenção das ações do coletivo, acreditando com isso investir em melhorias à população do próprio território.

Os jovens participantes da pesquisa destacaram a necessidade de trabalhar para sustentar-se ou apoiar suas famílias, desafio intensificado pela crise econômica. Se a atuação

nos coletivos figurou como única fonte de renda para 20% dos entrevistados, a observação de outros trabalhos se mostra relevante. Embora a imensa maioria dos jovens recebesse até 1 salário-mínimo na atuação no coletivo e o mesmo valor em outro trabalho, a metade deles acreditava que o coletivo poderia se tornar sua principal fonte de renda no futuro. Disso decorre a análise dos principais fatores indicados como motivadores para participação do coletivo: possibilidade de realização artística ou de expressão cultural, engajamento social e/ou político, desenvolvimento pessoal, relações comunitárias e de amizade.

Durante a pandemia, os coletivos engajaram-se em ações solidárias, realizando ou apoiando campanhas de distribuição de alimentos, máscaras, produtos de higiene e limpeza, considerando o agravamento da situação de vida e de trabalho dos moradores das periferias. Ao mesmo tempo, também se fortaleceu a construção de redes de apoio entre eles. O distanciamento social necessário, embora nem sempre possível nas periferias, não impediu a realização de ações conjuntas: “a gente mesmo de longe se fortaleceu, tanto em questões emocionais, quanto também em conseguir outras formas de renda e de apoio para nosso trabalho e o trabalho dos nossos”, afirmou uma jovem.

A partir de seus negócios ou de seus coletivos, esses jovens têm conquistado o sentimento de pertencimento ao território. Não à toa decidem trabalhar e atuar em seus próprios locais de moradia, em um processo em que estar, trabalhar, viver no mesmo lugar fortalece a percepção de querer ficar onde está, buscando melhorar o local por meio de sua ação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis: punk e darks no espetáculo urbano**, São Paulo: Ed. Scritta, 1994.
- BRINGEL, B. O futuro anterior: continuidades e rupturas nos movimentos estudantis do Brasil. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, v. 11, n 1, p. 97-121, 2009.
- D’ANDREA, T. **O sujeito periférico**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- _____. Contribuições para a Definição dos Conceitos Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. **Novos estudos CEBRAP**, 39(1), 2020. Pp.19-36.
- GOHN, M.G; PENTEADO, C.L.C.; MARQUES, M.S. Os coletivos em cena: experiências práticas e campo de análise. **Simbiótica: revista eletrônica**, 7 (jul-dez), 2020.
- GROPPO, L.A. (org.) **Coletivos juvenis na universidade e práticas formativas: política, educação, cultura e religião**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 312 p.
- ION, Jacques. **S’engager dans une société d’individus**. Armand Colin: Paris, 2012.
- PHILLIBER, S. In search of peer power: A review of research on peer-based interventions for teens. In: Peer potential: Making the most of how teens influence each other (pp. 81-111). **The**

National Campaign to prevent teen pregnancy, 1999.

PLEYERS, G.; KARBACH, N. **Young people political participation in Europe: What do we mean by participation?**. Brussels: CoE/UE Youth Partnership, July 2014.

REGUILLO, R. **Paisajes insurrectos: jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatorio**. NED ediciones, 2017.

RUIZ, O.A. El movimiento estudiantil en Chile, 2006-2014: una aproximación desde la cultura y las identidades. **Nueva antropología**, México, v. 30, n. 87, p. 131-152, dic. 2017.

SPOSITO, M.P., A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo social**. v. 5. n. 1-2, 1993.

TOMMASI, L. Juventude, projetos sociais, empreendedorismo e criatividade: dispositivos, artefatos e agentes para o governo da população jovem. **Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**. Rio de Janeiro: vol. 6, no.2, maio-agosto, 2014. p. 287-311.

_____. Empreendedorismo e ativismo cultural nas periferias brasileiras. **Hermes. Journal of Communication**, 1(13), 167-196, 2018.